

DISCURSO DE POSSE DE PAULO MACEDO
NA ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS

O novo Acadêmico foi saudado pelo
Professor Diógenes da Cunha Lima,
Reitor da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte.

Natal, 26 de Fevereiro de 1981

DISCURSO DE POSSE DE PAULO MACEDO
NA ACADEMIA NORTE-RIOGRANDENSE DE LETRAS

O Enélio Petrovich, símbolo da
inteligência e cultura de seu povo,
força maior que levou o nosso Instituto
Histórico a condições de crédito e
respeito que se acham, hoje, perante o

Brasil.

com as Rememora-
ções de
Paulo Macedo

Natal, 5-08-82

O novo Acadêmico foi saudado pelo
Professor Diógenes da Cunha Lima,
Reitor da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte.

Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

Natal, 26 de Fevereiro de 1981

DISCURSO DE POSSE DE PAULO MACEDO
NA ACADEMIA NORTE-RIOGRANENSE DE LETRAS

**Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte. 2003**

Biblioteca Enélio Lima Petrovich

Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

Reitor da Universidade Federal do
Rio Grande do Norte.

Doação de Enélio Lima Petrovich
ao Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
2-08-82

Biblioteca Enélio Lima Petrovich
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte
Ano 2003

Metel, 20 de Fevereiro de 1981

DISCURSO DE POSSE DE PAULO MACEDO NA ACADEMIA DE LETRAS

Ainda sensibilizado pela vossa escolha, que me conferiu o prêmio maior de pertencer a esta Casa de Cultura, penetro neste templo do saber, reverenciando a vossa bondade e buscando encontrar nas vibrações incontidas do coração a linguagem adequada com que possa expressar o meu contentamento.

Procuro no ambiente festivo desta noite, ante as fisionomias receptivas dos Acadêmicos e convidados, paisagem humana valiosa e inesquecível, a inspiração para o meu primeiro encontro, que, sem dúvida, marcará, para sempre, toda a trajetória que, ao longo dos anos, hei de cumprir no convívio seletivo da intelectualidade nor-teriograndense.

Jamais busquei, por ambição, esta posição invejável, mas quando a consegui, não recusei, acreditando na grandeza do sentimento humano e na capacidade que os homens têm de vencer as dificuldades de agora, para transformá-las em realizações do amanhã.

Chego à Academia, cômico das imensas responsabilidades que espontaneamente assumo nesta hora. Para quem, como eu, afeito às lutas cotidianas, esta nova missão, que me impõe o destino, propiciará, no decurso do tempo, uma nova perspectiva humana, entendendo sempre que as Academias de Letras são o centro do Humanismo, aqui referenciado no sentido maior de que os homens que as integram são dotados de superior formação intelectual, evidenciada através das múltiplas manifestações criativas do espírito humano.

Sou grato aos que, em eleição democrática, sufragaram meu nome, num reconhecimento — quem sabe — à dedicação e amor que consagro a esta terra e sua valorosa gente, nunca pelo valor pessoal que se possa atribuir ao eleito.

É verdade que na missão que me cabe, no jornalismo diário, testemunha e partícipe da história do povo potiguar, tenho procurado contribuir para o desenvolvimento e progresso da comunidade norterio-grandense, estimulando vocações, projetando inteligências, valorizando talentos e colaborando com instituições que sobremodo honram e engrandecem o Rio Grande do Norte. Reconheço neste esforço, o propósito de sublimar a condição humana, utilizando o jornalismo para a verdade, para o bem comum, servindo à comunidade e aos que nela vivem no afã de construir o bem-estar social de todos.

Com efeito, vislumbro no ato generoso de minha admissão para membro da Casa que Câmara Cascudo fundou, na década do meu nascimento, não o mérito pessoal, que inexistiu, mas a compreensão pela conduta que tem marcado a minha presença no somatório de contribuições que julgo ser dever de todos para com a sua terra e a sua gente.

Homenageando o Mestre de Natal, lembro de forma emocional seu credo memorável: "Creio na bondade, bondade sem a garantia prévia da gratidão. Sem que se assegure da memória devedora. Sem que estabeleça, pelo ato generoso, uma servidão vitalícia no beneficiado. Bondade paga-se no puro e simples ato de sua realização. Como um fruto justifica a existência útil da árvore. Bondade antevendo a recompensa é apólice de sociedade mutualista, rendendo juros do capital intocável do favor inicial. Os pássaros não são devedores dos frutos e da água da fonte. Estes testificam perante a Natureza a continuidade da missão natural".

Reservou-me o destino a feliz coincidência de suceder, nesta Casa, a dois eminentes jornalistas, políticos e polêmicos, que se perpetuaram no tempo, pela coragem de suas afirmações e pela lucidez do seu pensamento:

ELIAS SOUTO, o Patrono; BRUNO PEREIRA, fundador.

Embora não sendo da minha geração, pude conhecê-los através da obra incomparável "Patronos e Acadêmicos", do ilustre escritor Veríssimo de Melo, que me permitiu reapresentá-los, nesta noite, para tão culta assistência.

Provindo da poética cidade do Açú, Elias Ferreira Souto, logo cedo firmou a condição de um seguidor da tradição dos homens inteligentes da cognominada terra das musas.

Na adolescência, em seu torrão natal, notabilizou-se no estudo do latim, língua indispensável à educação nobre da época.

Já, aí, muitos eram os convites para que ele se tornasse professor primário, vindo a aceitar, porém, por concurso, feito na capital, para onde teve que transferir-se, a fim de iniciar o exercício do magistério, atividade que não se limitou a Natal, pois lecionou também, em Martins, Açú, Macaíba e São José de Mipibu.

Mas sua vocação irresistível era o jornalismo, pois acreditava ser, através dele, mais útil à sua terra e à sua gente.

Com tais propósitos, fundou e manteve vários periódicos em diferentes fases e lugares.

Assim é que surgiram "O Vagalume", "O Sertanejo", "O Açuense", "O Jornal do Açú" e "Abolição", em sua própria cidade.

Depois, "O Macauense" em Macau, "O Nortista" em São José de Mipibu e "A Primavera"; "A Rosa", "A Saudade", "O Beija-Flor" e "O Cacete", em Natal.

Aqui, foi, também, fundador do "Diário do Natal", de todos os órgãos o que mais se destacou, em face do seu papel relevante, assumido na oposição sistemática ao primeiro Governo Republicano, chefiado por Pedro Velho, que, por sua vez, polemizava, através do jornal "A República".

O abolicionista intemorato, presidente da Guarda Nacional, em Natal, jamais abandonou as idéias do Partido Conservador, da Monarquia.

Pela sua destemida luta contra Pedro Velho, recebeu o título de "O Marat da Rua da Conceição", em reconhecimento à sua coragem e seu tirocínio político.

Instalada a República no Rio Grande do Norte, coube a Pedro Velho dirigir todas as ações políticas, transformando-se, destarte, no verdadeiro e, à época, supremo líder republicano do nosso Estado.

Ninguém ousava contrariar o pensamento e as atitudes do fundador da República, tal seu valor de chefe político e de administrador.

Continuando nas hostes monarquistas, Elias Souto partiu para enfrentar toda a máquina estatal, fazendo de seu jornal uma tribuna oposicionista, em combate forte e sistemático aos republicanos, notadamente a seu Chefe, assinalando páginas inesquecíveis do jornalismo político de nossa gente.

A vida de Elias Souto está pontilhada de lutas ingentes e vitórias indescritíveis. Tinha gestos que eram lições e escrevia artigos com críticas severas a Pedro Velho e seus auxiliares que chegavam a perturbar o tirocínio administrativo do Governo.

Os procelosos caminhos de sua existência garantiram a Elias Souto, posição de relevo em nossa história, deveras invejável.

Não fosse sua capacidade de vencer os desafios, sua perseverança em pugnar por melhores dias, sua têmpera jornalística, sempre voltada para as causas populares, talvez tivesse ele se embuçado no horizonte do esquecimento como tantos outros que recuaram ante o medo e a incapacidade.

Elias Souto, todavia, preferiu o sacrifício, que sublima, à acomodação que, às vezes, envilece; a luta que retempera, ao imobilismo que acovarda, a defesa das justas causas perigosas, à sujeição pura e simples aos caprichos dos que mandam. Foi sempre imbatível ante os grandes e poderosos, enquanto que fraterno e cordial no trato com os humildes.

Contam que a divergência maior estabelecida entre Elias Souto e Pedro Velho se deu quando o governante transferiu o professor de Natal para Pau dos Ferros, a fim de lecionar a disciplina que mais tarde viria a chamar-se educação física.

Não era a disciplina do transferido e nem podia ser, até porque Elias Souto vivia numa cadeira de rodas.

Pedro Velho determinou a transferência e fez cumprir sua vontade.

Elias Souto não aceitou. O Governo, então, o colocou em disponibilidade.

No entanto, o pensamento político e jornalístico de Elias Souto haveria de ter continuidade, **mutatis mutandis**, pela presença de outro brilhante e intrépido potiguar, meu antecessor nesta Academia, Bruno Pereira.

Bruno Pereira, a quem tenho a honra de suceder, nesta hora, foi, sem dúvida, uma das maiores expressões da inteligência potiguar.

Sua vida jornalística foi iniciada em Mossoró, com a fundação e direção o jornal "Saltelmo".

Com o jornalista Pedro Avelino, fundou em Recife, "A Imprensa".

Em Natal, foi colaborador dos jornais "A Imprensa", "A Tarde", "A República", além do "Correio da Tarde", de sua propriedade.

Como jornalista político, atuou brilhantemente, sobretudo no período de 1924 a 1931, transformando os jornais "A Tarde" e "A Razão" em importante tribuna política.

Pertenceu ao Partido Popular, liderado pelo seu amigo Dr. José Augusto Bezerra de Medeiros, por cuja legenda foi eleito Deputado Estadual, sendo um dos mais lúcidos e atuantes parlamentares de todos os tempos.

Ao longo de sua vida agitada, exerceu a advocacia criminalística, o magistério e a magistratura.

Por onde passou, deixou sempre o rastro luminoso de sua inteligência prodigiosa, de seu talento, de sua personalidade férrea e de seu temperamento enérgico. Mostrava sempre o homem autêntico que se manifestava em todas as ocasiões.

Espírito forte, afeito às lutas mais temidas, Bruno Pereira foi jornalista brilhante de sua época, o advogado competente, o juiz íntegro e o professor emérito.

O testemunho dos seus contemporâneos atesta clarividentemente essas qualidades inatas que tão bem ornaram sua personalidade.

Homem de sensibilidade, de pensamento dedicado à arte e à cultura, preocupava-se com valores históricos e culturais desta cidade. Certa vez, ao voltar de uma visita ao Forte dos Reis Magos, escreveu:

"É sob este arcaico dístico, que a minha retina transladou, talvez, de uma página gongórica de Rocha Pita, que eu, desse esboço de cidade balneária que é a Redinha, vejo emergir, todas as manhãs, a velha Fortaleza anfíbia, pelos nossos maiores plantada entre a terra e o mar para a defesa da conquista, no estuário rumoroso do Potengi. O sol ergue-se sobre ela todas as manhãs, e envolve-a para os meus olhos deslumbrados na sua púrpura real, como que para consolá-la do desprezo a que ingratamente a relegaram os homens de hoje, apercebidos de sua importância e da sua fraqueza".

Coléga, confrade e amigo pessoal de Bruno Pereira, talvez o mais íntimo, o escritor Alvamar Furtado, membro desta Academia a que tanto honra com o brilho de sua inteligência e cultura, deu-me o seu depoimento sobre a personalidade do juiz íntegro, mas sobretudo humano, a quem nesta hora reverencio. Disse-me o mestre Alvamar Furtado:

“Conheci pessoalmente Bruno Pereira nos anos quarenta, quando me iniciava numa advocacia mais romântica do que prática. Das primeiras experiências profissionais, em meio a um Poder Judiciário condicionado por influências políticas desestimuladoras, no fórum comum, fui levado a homiziar minhas esperanças no contencioso trabalhista, onde encontrava uma atuação e um procedimento judiciários que restauravam a confiança nos meus ideais nascidos na velha Faculdade de Direito do Recife.

A justiça do Trabalho daquela época tinha em Bruno Pereira, como juiz Presidente da Junta de Conciliação e Julgamento de Natal, uma figura respeitável. Havia confiança nas suas decisões, que por sua própria natureza judiciária, escapavam aos vícios e formalismos da justiça comum, profundamente marcada pelo marasmo, pela incompetência e pelo desinteresse que, com raras exceções, comprometiam sua atuação.

As decisões de Bruno Pereira eram breves no seu pronunciamento, justas e corretas no seu enquadramento judicial.

Eu andava, nesse tempo, à procura de afirmação profissional, lutando desadoradamente pela vida. Sem prestígio político, porfiando causas que nem sempre me davam consciência de um bom termo, tal era a demora de seu curso pelos caminhos da outra justiça.

Afinal, descobrira uma área de trabalho forense compatível com as necessidades e a pressa de nossos dias.

A figura daquele homem austero, de testa larga e pálida, de voz áspera e forte, sabia conduzir a audiência com autoridade. Paciente e urbano no trato com as partes, cordial e discreto no seu relacionamento com os advogados. Um juiz tranquilo, sensível ao aspecto social dos problemas ajuizados, sem comprometer o equilíbrio e a imparcialidade.

A minha atuação profissional, como advogado, se processava até certo ponto dentro dos critérios que traçava o juiz ao aplicar os princípios sociais no ato de fazer justiça. Quase sempre uma advocacia que pleiteava pequenos direitos, imediatos, essenciais à subsistência de humildes operários, uma atmosfera de confiança que não se alterava quando estavam em jogo interesses de grandes empresas, nas alternativas da vida do advogado.

Assim eu olhava Bruno Pereira, que deixara sua vida pública, como jornalista, professor, político, deputado, advogado, uma tradição de irreverência, de coragem moral, de agressividade pessoal diante dos desmandos dos donos do poder de seu tempo de juventude e maturidade. Era um homem de longas e variadas peregrinações na sua luta pela vida. Andara pelo Acre, pelo Recife, pelo Rio de Janeiro, incerto, inconstante em sua fixação existencial, mas permanente no afeto à gente que dele sempre guardara fatos pitorescos e característicos de sua forte personalidade. Diabolicamente irônico, implacável com os fariseus, teve a sua vida ameaçada, mas jamais se rendeu na luta pelas suas convicções e idéias. Manejava fácil a palavra, sua arma de jornalista, inigualável caricatura com que traçava a figura de seus adversários no ambiente tempestuoso de seu tempo.

Cultura humanística, estilo clássico, espontâneo e feroz nos seus artigos panfletários que deram uma agitada e famosa tradição a nossa imprensa política.

Era exatamente esse contraste com o juiz sereno, justo e comedido, que eu conheci, que me deu a dimensão humana da sua individualidade.

Recordo com gratidão o dia em que estava no escritório vivendo minha fase de advogado, quando, cansado pela escada que subira, aparece Bruno Pereira, com aquele gesto que lhe era peculiar de passar o lenço na testa ampla pela calvície ainda não definida. E diante de minha surpresa, perguntou se eu aceitaria ser indicado para Suplente de Juiz de Trabalho, em face da renúncia de Edgar Barbosa. Era um período receptível de minha vida, lutando para sobreviver no marasmo de uma província que não oferecia grandes perspectivas a ninguém. Gaguejei minha anuência e ele indicou meu nome contra o interesse político que já indicara outro. Venceu a iniciativa de Bruno Pereira e fui nomeado Suplente de Juiz da Junta de Conciliação e Julgamento de Natal. E, anos depois, mediante concurso público, realizado em Recife, perante o Tribunal Regional do Trabalho da 6a. Região, me tornei titular vitalício. Bruno Pereira me fez Juiz do Trabalho pela recomendação de meu nome, pelo exemplo que me deu nos nossos anos de convivência funcional, que me valeram demais. E certa vez assisti a um fato nas audiências da Junta de Conciliação e Julgamento de Natal que serve para tipificar essa extraordinária personalidade de magistrado.

Uma poderosa empresa sediada em Natal, no momento de contestar a reclamação de um operário demitido sem o pagamento dos direitos trabalhistas, exibira em audiência um documento no qual o então reclamante a quitara de todas as obrigações legais.

Exatamente no instante de apresentação desse documento explodiu a revolta, a indignação incontrolável daquele homem rude e mal informado, que se opunha à validade desse documento, dizendo que o assinara em branco confiando na alegação da empresa de que nele seria quitado apenas o período de férias que acabava de receber, nada mais. Em seguida, veio a demissão e o operário se defronta com um texto bem datilografado, pormenorizado e minucioso nas suas quitações que identificavam a rescisão de seu contrato de trabalho.

Na relação imediata entre a exibição do documento e o protesto do humilde operário, como juiz, surpreendera, com excepcional sensibilidade, o subjetivismo do ato fraudulento. Foi numa fração de instante que Bruno Pereira, discernindo o sutil limite entre a leviandade e a responsabilidade de seu julgamento, reparou o esbulho e pronunciou o direito, reconhecendo a procedência da reclamação. Ao relatar e concluir a decisão, configurou com raro brilhantismo o flagrante psicológico e instantâneo que justificava o seu julgamento, contra a suposta prova dos autos. O Tribunal Regional do Trabalho confirmou a sua sentença, mais tarde, com referência elogiosa. Bruno Pereira interpretara com equilíbrio e espírito de justiça a função tutelar do Direito do Trabalho, que se propõe, no famoso conceito de Gallart Folch, compensar com uma superioridade jurídica a inferioridade econômica do obreiro. Fronteiras imperceptíveis ao comum dos homens no seu dever de julgar. Surpreendera no emaranhado dos princípios do Direito Judiciário o papel soberano da Justiça do Trabalho, com grandeza, sensibilidade, sem demagogia, sem transigência.

De outra feita, Bruno Pereira procurava conciliar uma pretensão reclamatória de um vigia de uma instituição religiosa, demitido sem justificativa.

Face à intransigência do religioso, como parte patronal, em ceder a um acordo em bases modestas, Bruno Pereira naquele seu gesto típico de arrebatamento, inesperado, mandou arquivar o processo e pagou de seu próprio bolso ao reclamante a importância que motivara o impasse, com a anuência flácida e satisfeita do reclamado. Não era, na ocasião, apenas o juiz, se entremostrava o homem generoso, solidário, humano, que evitava assim, com seu impulsivo gesto, uma demanda desnecessária.

Um dia quando este Estado revisar seus autênticos valores à procura de parâmetros para seus padrões morais esquecidos, esse homem será, por muitas faces de sua personalidade, lembrado como uma afirmação humana exemplar.

Morreu humildemente, quase esquecido, depois de longa doença, ausentes as homenagens que a sociedade lhe devia, sem esperar pela gratidão dos que o conheceram e com ele conviveram na agitação de sua existência, na inquietude de sua brilhante vida pública, ou no comedimento e na compostura de sua exemplar vida de magistrado”.

Ingresso nesta Academia, no momento em que a sociedade brasileira passa por profundas modificações no seu contexto político social. Sou daqueles que acreditam em afirmações como esta do beletrista pernambucano Carneiro Vilela “uma nação vive, porque pensa”.

É do intelecto dos homens de letras que devem surgir as idéias mestras que servirão de slogan e bandeira para todas as lutas do porvir. Outro eminente pensador, Solzhennitzyn garante que “a literatura tem o poder de ajudar a humanidade”.

Embora saibamos que o escritor não tem a obrigação de fornecer soluções e sim apenas descrever a situação com toda a verdade, fazendo justiça a ambos os lados da contenda, porfiarei pela presença da Academia no seio da comunidade, como meio eficaz de mudanças culturais e como instrumento valioso para a conscientização das populações mais necessitadas, que não podem receber a benéfica mensagem do saber.

As inteligências que aqui se encontram, ao lado da experiência de cada um dos ilustres Acadêmicos, não podem ser encasteladas nas quatro paredes desta Casa de Cultura, mas ganhar os espaços sociais, vencer as barreiras naturais do subdesenvolvimento e lançar bem alto uma nova mensagem: a integração pela cultura, através da revolução pelas idéias, conforme preconizou o Dr. Hans Bockler — “Se os homens tem que ser libertados do que é velho e obsoleto, isto só poderá acontecer, quando estabelecerem para si mesmos um novo alvo em que se coloque em primeiro lugar a humanidade e os valores morais. Quando os homens se transformam, transforma-se, também, a estrutura da sociedade; e quando se transforma a estrutura da sociedade, os homens se transformam. **Ambas as coisas vão juntas e são necessárias**”.

Reconhecendo a minha modéstia, venho imbuído das mais afirmativas idéias, no sentido de que a nossa Academia possa transferir para a comunidade os benefícios que se geram, diariamente, pela inteligência e capacidade dos seus membros, que aqui chegaram e continuam portadores de uma consciência mais acendrada sobre os valores humanos.

Chegou a hora inaudita em que os valores da Academia devem ser utilizados pelo grande público, por meio de métodos e técnicas, que, nesta Casa, juntos, num esforço desmedido, haveremos de encontrar, numa demonstração eloquente de que a imortalidade não é o sepulcro, nem o fim das grandes lutas, pelo contrário, ela só permanece se houver quem a mantenha, ela só vivifica, se houver quem dela se utilize, ela só existe, se houver quem a exercite, ela só serve, se houver quem a manipule, ela só é real, quando tocada e vivida pelos homens, na comprovação de que não só são imortais os que aqui se encontram, mas ainda muitos dos que, no anonimato de suas criações culturais, detêm o galardão do eterno, como assegura Camões: "Melhor é merecê-los sem os ter que possuí-los sem os merecer".

No exercício permanente de minha profissão e fiel aos seus princípios tenho por objetivo formar como informar.

Desde a pré-história, quando em Grécia e Roma, as populações tomavam ciência dos acontecimentos pelos famosos éditos, na época do noticiário, que revelou os cronistas medievais, durante o jornalismo regular, que sistematizou as notícias comerciais e políticas, nos mais importantes centros de comunicação; depois, com o jornalismo doutrinário, jornalismo informativo, gerador das informações em massa, até os nossos dias com a existência do jornalismo influente, uniformizador de comportamentos humanos, a missão do comunicador se reveste do manto do magistério e da responsabilidade do cidadão de bom senso.

A prática do jornalismo consiste na transmissão de notícias que passam a ser públicas e que devem chegar com velocidade ao conhecimento de todos.

Fraser Bond, famoso professor de jornalismo da Universidade de Nova Iorque, afirma, com o peso de sua autoridade: "A palavra jornalismo significa, hoje, todas as formas nas quais e pelas quais as notícias e seus comentários chegam ao público".

Por isso é que a missão do comunicador de massa só poderá ser exercida numa atmosfera de liberdade, onde seus pensamentos informadores e formadores da opinião pública possam ser manifestados, sem nenhuma restrição, senão aquela determinada pela lei.

Neste sentido, o Prof. Fraser Bond oferece outra preciosa lição: "Onde os homens não podem transmitir seus pensamentos sem medo, nenhuma outra liberdade é assegurada. Uma imprensa livre não pode estar sujeita a qualquer pressão, seja ela governamental ou social. Nenhum diretor de jornal, nenhum comentarista ou redator pode aceitar a liberdade de expressão levemente".

Mas a liberdade jornalística terá sempre como parâmetro o bem comum, o interesse de toda a coletividade, de vez que a função do jornalista não se insere no campo das atividades puramente individuais, mas, pela sua natureza e conteúdo, é um cotidiano de caráter coletivo.

"Político do Povo", no dizer de Rui Barbosa, "Zelador da Comunidade", na concepção de Carlos Lacerda, o jornalista é sempre alguém disponível ao serviço comunitário, atento às mudanças sociais, vinculado à "intuição do indefinível" e sujeito permanentemente à "alegria do risco".

O trabalho do jornalista, sobretudo na época contemporânea, cifra-se na interpretação do mundo para a sensibilidade dos seus semelhantes.

Enquanto, em outras profissões humanas, estabelece-se uma relação de ciência, no jornalismo, firma-se relação de sensibilidade, ou seja, o imenso diálogo que a imprensa trava com todos aqueles que buscam a notícia e o comentário.

O público é sempre implacável no seu modo de exigir. O jornalismo é sempre cauteloso no seu modo de informar. O público tem a ânsia do noticiário e às vezes do sensacionalismo. O jornalista deve ter a serenidade para comunicar, sem perder a oportunidade para divulgar.

O público é insaciável na sua busca diária e no seu modo de avaliar as transformações da sociedade.

O jornalista é sempre um analista da alma humana, realizando, diariamente, uma pesquisa quase infundável, para retratar os acontecimentos e atrair as atenções populares.

Certa vez, Carlos Lacerda afirmou que ... "o segredo do jornalismo consiste a meu ver, em tomar muito a sério os fatos cotidianos, sem ao mesmo tempo perder a perspectiva da relativa desimportância de tais fatos em face do tempo. Essa combinação de atualidade e permanência é que dá conteúdo ao jornalismo, na medida em que esses dois fatores se combinam para formar a substância do jornal".

Há muito tempo, desde a edição da ACTA DIURNA, boletim informativo do Império Romano, ao jornal pelo rádio, posto à disposição do hóspede de hotel, como ocorreu em Nova Iorque, o jornal tem sido um veículo de comunicação, necessário à existência da sociedade democrática.

Cientistas contemporâneos, numa arrojada projeção do ano 2001, pronunciam modificações substanciais no porvir.

Não descartam a possibilidade do uso da telepatia, percepção extrasensorial, ou rádio biológico.

Admitem até a possibilidade de implantação de um minúsculo rádio na cabeça do homem, o que lhe permitiria o acervo das notícias, sem a necessidade do jornal escrito.

Reportando-se às comunicações telefônicas do ano 2001, esses cientistas asseguram que elas possibilitarão o encontro das pessoas, em cores vivas e em três dimensões, através do milagre da holografia, que oferece o uso de fotografias especiais, contendo informações fásicas de luz refletida, criando, assim, imagens reais, ao invés de imagens planas.

Seja qual for o dimensionamento que será dado às comunicações no próximo século, acredito sempre no jornalismo humanizado que aproxime as pessoas, através do contato direto, da pesquisa diária, da informação local, sem esquecer de valorizar o homem e o meio em que vive.

Com efeito, quero lembrar o carinho que tenho dedicado, no jornalismo, a Natal, minha cidade por lei e pelo coração, inspiração dos dois primeiros livros que escrevi e que nesta hora faço questão de homenagear.

Sempre, desde o momento em que aqui cheguei, interessei-me por esta cidade. Nela, deveria ficar apenas um fim de semana, para o lazer de uma excursão estudantil, ao sabor de um intercâmbio de amizade. Nunca imaginei de apaixonar-me por ela, tornar-me interessado pela sua gente, que constatei de imediato, ser acolhedora e simpática, nem de ter-me fascinado diante das praias tão famosas quanto a beleza de suas mulheres.

Evoco, com nítida recordação, os momentos preocupados que vivi, na incerteza de permanecer ou voltar. Natal era o mundo novo que eu sentia e desejava. Eu tinha que ficar. Foi o que ocorreu. Hoje, decorridos 23 anos, constato que a decisão tomada naqueles idos, foi correta. O sentimento novo então experimentado, permanece. Reconstituo as coisas, nesta hora, verifico que a Cidade por quem o adolescente se apaixonou, é, hoje, o amor eterno do adulto. E estou certo de que poucas cidades são tão agradáveis para se viver e sentir. Sua expressiva presença junto ao Atlântico, a beleza de sua geografia feita de mar, de rios, de lagoas, de dunas,

de igapós, de bosques, de enseadas, igarapés que complementam o Potengi na sua caminhada se distarciando do oceano. Seu clima é privilegiado, dado o mínimo de variação. As escassas oscilações permitem que a humidade se mantenha equilibrada nas quatro estações. Toma-se banho de mar de janeiro a dezembro, por que o sol se faz presente todos os dias, talvez com a mais acentuada luminosidade encontrada em toda a costa brasileira. Nesta análise de climatização vale ressaltar a contribuição dos ventos alísios aos quais a cidade muito deve, pela condição peculiar e satisfatória de seu clima. Natal que dá exemplo de folclore e de artesanato. Natal que se notabiliza com bumba-meu-boi, pastoril e fandango. Natal que chega ao exterior através do famoso etnógrafo, pesquisador e lúcido historiador Luis da Câmara Cascudo. Natal que exporta a pintura de Newton Navarro e a tapeçaria de Dorian Gray. Natal que assina passaporte para o espaço cósmico com a Barreira do Inferno, que em dois anos chegará ao espaço sideral, Natal da Escola Doméstica. Natal da Coluna Capitolina. Natal da Igreja Tricentenária do Galo. Finalmente, como diz o poeta: "Cidade tão alegre quanto o dia que lhe deu o nome".

Como o fiz até hoje, no jornalismo, pretendo dedicar-me por inteiro a essa nova faina de minha vida pública, procurando utilizar os instrumentos de comunicação a que tenho acesso, num órgão difusor dos acontecimentos desta Casa, que, o mais das vezes, da maior validade e de indiscutível interesse para o nosso povo, por falta exatamente de quem os transmita, permanecem anônimos, como se inexistissem.

A tarefa de levar aos que estão aquém dos umbrais desta casa da inteligência as conquistas culturais de cada um e que são as conquistas da própria comunidade, não é fácil de ser realizada. No entanto, se tivermos coragem para dialogar, disposição para vencer os obstáculos, certamente poderemos por em prática uma das mais ousadas campanhas culturais dos nossos dias: a presença da Academia de Letras no seio da comunidade.

Daqui mesmo, deste Rio Grande do Norte pioneiro, saiu a extraordinária idéia de levar às populações do interior a presença e a força da Universidade, quando foi criado o CRUTAC, pelo eminente professor Onofre Lopes, fundador da Universidade e seu primeiro Reitor, exatamente um intelectual, hoje, presidente de nossa Academia e recebendo os dividendos emocionais ao constatar que a iniciativa de descentralizar as potencialidades universitárias constitui na atualidade um projeto acolhido internacionalmente e respeitado nos mais diferentes setores da comunidade universitária e na sociedade brasileira.

No documento de justificação do CRUTAC, afirmou o Acadêmico-Presidente: "Nos tempos atuais, a ação desenvolvimentista do Brasil é sentida com a máxima intensidade em todos os setores da vida nacional, mobilizando as elites, os líderes, as Universidades, as instituições de classe, os homens de pensamento. Verifica-se que há uma preocupação dominante de planejamento, de mobilização de recursos e, sobretudo, de formação de técnicos e ampliação da mão-de-obra especializada.

Não há qualquer dúvida de que esses cuidados constituem fundamentos necessários para assegurar o desenvolvimento e garantir melhores condições de vida para o Homem".

As necessidades populares de lá para cá têm aumentado em proporções geométricas, o que exige do governo e da comunidade providências que se não podem mais adiar. Agora lembro que foi o professor Milton Campos quem afirmou: "O Governo é uma obra de cultura".

"Os amanhãs que nos esperam não dependem de nenhum determinismo e nenhuma fatalidade. Não serão os dias desejados pela Providência nem os dias preparados pelos cuidados de uma magia qualquer. Nossos amanhãs serão os que tivermos feito se os soubermos prever e preparar".

Nas afirmações de tão lúcido mestre, busco a inspiração para as palavras finais do meu discurso. Sim, nossos amanhã dependem de nossa capacidade de responder aos inúmeros desafios a surgir e que exigirão de cada um, e de todos, além de uma consciência profunda, uma disposição maior para enfrentar e vencer os múltiplos problemas que se nos apresentam a cada instante.

Peço a Deus que me conceda as forças necessárias para nunca desmerecer a confiança dos que me permitiram pertencer a este corpo seletivo. Nunca me falte a coragem de decidir nem o desejo de acertar. Nunca me negue o direito de participar. Nunca me roubem a oportunidade de construir. Nunca me retirem a possibilidade de ajudar. Nunca me furem o tempo de humanizar. Nunca me tornem insensível aos reclamos justos dos que a mim recorrem. Nunca me tolham a liberdade de defender a outrem, de incentivar a amizade, o calor humano, o reconhecimento da grandeza moral do meu semelhante.

Que me ouça Deus nesta prece que faço ao chegar à Academia, hora emocional em que recordo todas as lutas de uma vida humilde mas honesta, pontilhada de sacrifícios, é bem verdade, mas também balizada por vitórias como esta que enriquecem e valorizam a criatura humana.

